

AGONIA.

Tango.

Ao distinto amigo RUBENS FONSECA E SILVA.

Joubert de Carvalho.

PIANO. *p*



Vi -

ver as - sim na a - go - ni - a — Que tris - te o fim da minha vi - da — Lon - ge está minha que -



ri - da A - mor que sempre eu que - ri - a. — Seus o - lhos tem a do - çu - ra — Que en



canta, se - duz e me mal - tra - ta — Sof - fren - do assim vo - ce me ma - ta; — Meu Deus, meu Deus, que tor -



f *pp* *come eco*

tu - ra. Quão tris - te é vi - ver Lon - ge da a - ma - da Da e - na - mo - ra - da Oh, meu sof - frer. Mel - hor se eu não a



pp

Esta
ex-
va-
disc

visse Assim não soffre-ri-a. Não que-ro, já disse Vi-ver na ago-ni-a. Melhor se eu não a-
 1. ni-a. 2.

Tan-ta dor, tan-ta lou-cu-ra Pe-lo amor que eu im-plo-ro Es-te mal não tem mais

cura Es-tas lagrimas que choro Copi-o-sas são sen-ti-das E a-ber't'as-tas fe-ri-das

Em meu peito tru-ci-da-do Já não sou que um coitado Que não póde mais vi-ver Para nunca mais sof-frer.

D. C. tutto.

Viver assim na agonia
 Que triste o fim da minha vida
 Longe está minha querida
 Amor que sempre eu queria..

Seus olhos tem a doçura
 Que encanta, seduz e me maltrata
 Soffrendo assim você me mata;
 Meu Deus, meu Deus, que tortura.

Quão é triste viver
 Longe da amada
 Da enamorada
 Oh, meu soffrer.

Melhor se eu não a visse
 Assim não soffreria.
 Não quero, já disse
 Viver na agonia. } bis.

Tanta dor, tanta loucura
 Pelo amor que eu imploro
 Este mal não tem mais cura
 Estas lagrimas que choro
 Copiosas são sentidas
 E abert'estas feridas
 Em meu peito trucidado
 Já não sou que um coitado
 Que não póde mais viver
 Para nunca mais soffrer.



172.942
 1913